

É curioso ver como o mesmo raciocínio, elaborado de perspectivas diferentes, conduz a resultados antagônicos. Exemplo claro disso é o debate sobre a dívida externa brasileira e as soluções propostas para o problema: no Brasil, os nacionalistas e muitos outros consideravam ser o assunto antes político do que econômico, favorecendo em consequência o rompimento das negociações com o FMI e a moratória, certos de que o interesse dos bancos norte-americanos era chegar a um acordo com o País, ainda que a política externa brasileira tivesse, a partir da moratória, ares de independência absoluta e terceiromundismo exacerbado; nos Estados Unidos, os que defendem maior aproximação entre os dois países reconheciam ser necessária uma atitude política do governo norte-americano no tratamento da questão da dívida brasileira, atitude essa que não permitisse que os interesses da grande potência fossem ditados pelos interesses de curto prazo dos bancos. Lá e cá se desejava uma negociação fora dos quadros tradicionais, chegando-se a resultados diferentes: num caso, o rompimento da associa-

ção com os Estados Unidos; noutro, o fortalecimento dela.

As autoridades brasileiras souberam encontrar, neste ano, o caminho que evitasse os inconvenientes da moratória, sem, no entanto, ter chegado a reforçar — mais do que o indispensável — a solidariedade política com os Estados Unidos. Vale dizer, deixaram pendente de solução futura todas as dificuldades presentes no depoimento que Riordan Roett — um *brazilianist* que continua preocupado com nossos problemas, mesmo quando o governo brasileiro não tem mais credibilidade e o “Brasil está falido” — prestou em setembro último perante subcomissão do Senado norte-americano. Esses problemas são os que não nos cansamos de apontar aqui, mostrando suas raízes profundas na realidade sócio-econômica do processo político brasileiro: o nacionalismo de direita — como se o de esquerda fosse melhor, ou pior —, a crise institucional e social e o afastamento dos Estados Unidos. Que os problemas persistem, o governo estimulando as oposições a tocar sempre na mesma tecla, demonstrou-o o senador Ro-

berto Campos ao analisar, domingo último, o debate sobre a informática. Ora, nesse campo como nos demais, não será uma nova atitude política dos Estados Unidos nem o assistencialismo subjacente nas proposições de Roett que impedirão o triunfo da xenofobia.

Se a questão da dívida externa brasileira tem de ser tratada politicamente, torna-se evidente que só o poderá ser no contexto financeiro em que ela se insere. Para evitar danos às relações futuras entre os Estados Unidos e o Brasil não cabe esperar que a administração Reagan e a que a suceder em 1985 chame a si a solução do problema, pensando no futuro do relacionamento de governo a governo. Seria imprudente e de efeitos contrários. Uma solução política da dívida externa brasileira passa necessariamente pelos bancos centrais e não pelas chancelarias européias, japonesa e norte-americana; é enquanto representantes financeiros dos governos que os bancos centrais poderão encontrar uma solução que preserve os interesses do sistema internacional em que Estados Unidos, Japão, Europa e Brasil se inse-

rem e os do sistema financeiro ameaçado não só pela crise brasileira, como por todos os demais devedores.

O assistencialismo implícito nas propostas de Roett será contraproducente. Se é necessária a cooperação internacional para salvar os milhões de brasileiros que sofrem fome e padecem da falta de assistência médico-hospitalar, ela só se compreende no quadro de um esforço honesto do governo e da sociedade brasileiros. Apenas uma mudança de mentalidade evitará o fim trágico do drama que vimos vivendo há anos. Ou alguém imagina que, se no Executivo houvesse maior preocupação com governar o Brasil, a situação social do País seria a mesma? Seria infinitamente melhor, porque não se dariam bilhões a fundo perdido aos amigos, mas sim se empregariam bilhões para criar empregos e gerar mais e mais capital. A solução a longo prazo para o relacionamento Brasil-Estados Unidos não é a Casa Branca dar solução política à questão de nossa dívida externa; é o Brasil extirpar politicamente o câncer da Coisa Nossa. Enquanto é tempo...